

ANNA MARIA CÂNOPI

UM ANJO
TAMBÉM PARA VOCÊ



Introdução

A obra da criação não é apenas a que vemos com os nossos olhos corporais e que é percebida pelos nossos sentidos. Na inesgotável fecundidade de seu ato criativo, Deus também chamou à existência um mundo para nós invisível e, no entanto, realíssimo, que é esplêndido reflexo da sua glória e que podemos perceber presente apenas com os sentidos espirituais, mediante a fé, a oração, a iluminação interior que nos vem do Espírito Santo.

A Sagrada Escritura alça para nós um véu sobre este mundo misterioso e nos deixa perceber breves manifestações dele quando nos fala dos “anjos”, seres espirituais cujo nome – que significa “mensageiro” – não designa sua natureza, mas a função que exercem.

Os anjos estão na presença de Deus, o contemplam, o adoram, cantam em coro a sua glória e estão a seu serviço seja para o providente governo do cos-

mo, seja para a execução do plano de salvação em relação aos seres humanos.

A revelação do Antigo Testamento nos faz conhecê-los, sobretudo, nesta última função, ou seja, como instrumentos da bondade divina direcionada ao povo eleito. Eles têm a tarefa de preparar a humanidade para receber a salvação. São encontrados no caminho de Abraão e dos outros patriarcas; no caminho de Moisés e do povo de Israel durante o êxodo do Egito; e depois, ao longo de todos os séculos de história que vão ao encontro do Messias (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 54-65; 328-336).

No Novo Testamento, a missão dos anjos quanto ao plano da salvação delinea-se com ainda maior clareza. Eles anunciam os grandes mistérios de Cristo e estão a seu serviço na obra da redenção, seja durante sua vida terrena, seja depois da sua ascensão ao céu. Assistem, de fato, os apóstolos no difícil início da evangelização. Protegem a Igreja e os cristãos, ajudando-os a alcançar o supremo fim. Segundo uma antiquíssima tradição, todo povo tem o seu anjo protetor, assim como cada indivíduo.

Sendo os ministros da liturgia celeste, os anjos presidem invisivelmente também a liturgia terrena, que está em estreita relação com a do céu.

No fim dos tempos eles acompanharão Cristo no seu retorno glorioso; estarão a ele associados na execução do juízo e finalmente saudarão com gáudio a glorificação dos filhos de Deus e a redenção de toda a criação visível.

A existência de uma criação de ordem puramente espiritual, não perceptível pelos nossos sentidos corporais, constitui um artigo da profissão de fé cristã: “Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis”.

A expressão, obviamente, nos faz pensar nos anjos que, chamados à existência na primeira manhã da criação, segundo uma expressão poética da Sagrada Escritura, alegraram-se junto às estrelas, quando Deus colocou as fundações da terra, lar do homem (cf. Jó 38,6-7).

Quase todos os povos transmitem crenças mais ou menos lendárias sobre a existência dos seres celestes tendo uma função de mediação entre o mundo divino e o mundo cósmico e humano. A ima-

ginação popular e o simbolismo religioso oriental tiveram um papel notável na representação de tais seres. Em geral eram descritos – como se fazia com as divindades – com antropomorfismos sublimados. Originariamente atribuíram-se indistintamente aos anjos funções benéficas ou maléficas (cf. Jó 1,12; Sl 78,49; Ex 12,23), mas mais tarde chegou-se à distinção entre anjos bons e anjos maus, em constante oposição entre si (cf. Zc 3,1ss.) e estes últimos, separados de Deus, foram chamados “demônios”.

Das várias tradições populares sobre anjos, permanecem vestígios nos gêneros literários usados por inspirados escritores. Trata-se, porém, de uma influência limitada à linguagem, pois, por causa de seu caráter monoteístico, a religião judaica admitia exclusivamente a existência de seres subordinados ao Deus único, por ele criados, com a intenção de adorá-lo e servi-lo, coadjuvando-o no governo do mundo (Ne 9; Dn 7; Sl 103). Por analogia com as concepções mitológicas relacionadas ao soberano oriental, na Bíblia os anjos são comumente descritos como uma legião – um exército – que rodeia o trono de Deus, o qual, por isso, é chamado “Deus dos exércitos”.

Esta imensa multidão foi apresentada hierarquicamente, motivo pelo qual se fala de ordens ou coros angelicais tendo a frente um príncipe (cf. Tb 12,15). Os anjos foram também distinguidos com nomes e funções especiais. No Antigo Testamento, encontram-se frequentemente mencionados os *querubins* (nome de origem babilônica) e os *serafins*, ou seja, “ardentes”, aos quais são atribuídas tarefas de particular importância no serviço cultual que se desenvolve ao redor do trono de Deus.

A atitude de profunda reverência que os anjos têm diante da divina Majestade exprime a consciência da infinita transcendência do Criador no confronto de toda criatura, incluindo os espíritos celestes. E a aclamação ao Santo, colocada pelo profeta na boca dos anjos – aclamação incluída em todos os ritos litúrgicos – dá também o sentido da onipresença da glória divina que se derrama em bênçãos.

O céu, o mundo invisível, não é, portanto, uma realidade em si mesma distante, mas preenche o universo visível e não é estranho à sua história.

Os anjos são justamente os intermediários dessa misteriosa comunicação. E embora sejam criaturas de singular beleza e de altíssima dignidade, a ponto

de poder estar na presença de Deus, a Sagrada Escritura nos revela que não eles, mas os seres humanos são objeto da predileção divina (cf. Hb 2). De fato, Deus colocou os anjos a serviço dos homens, fazendo deles instrumentos do seu poder e da sua providência na execução do seu plano de salvação (cf. Hb 1).

Segundo o Evangelho da infância de Jesus, Gabriel é o mensageiro celeste encarregado de levar ao sacerdote Zacarias o anúncio do nascimento do precursor e à Virgem Maria o da encarnação do Verbo em seu seio (cf. Lc 1).

Também é um anjo que aconselha José, quando ele está meditando em seu coração se deveria secretamente dispensar a sua noiva (cf. Mt 1,20-21), assim como em seguida irá sugerir que fujam para o Egito para proteger a Mãe e o Menino das armadilhas de Herodes (cf. Mt 2,13) e depois – cessado o perigo – o chamará de volta à terra de Israel (cf. Mt 2,19-20).

É ainda um anjo que dá a alegre notícia do nascimento do Salvador aos pastores de Belém. E com ele, na mesma noite, uma multidão de espíritos celestes desce à terra para cantar a glória de Deus que se manifesta em bondade aos homens (cf. Lc 2).

Depois dos anjos do Natal, descritos como aparições de luz e harmonia de canto, encontramos os anjos fulgurantes e vestidos de branco da ressurreição (cf. Lc 24,2-6) e da ascensão (cf. At 1,10-11).

Geralmente, a presença dos anjos ao redor de Jesus permanece invisível; apenas ocasionalmente, nos momentos mais decisivos da sua vida, se manifestam, para dar testemunho da sua divindade.

Fazendo-se homem, o Verbo se coloca abaixo dos anjos, mas, não deixando de ser Deus, permanece infinitamente superior a eles (cf. Hb 1,4ss; 2,7.9). Eles estão, portanto, a seu serviço e ele poderia dispor deles a todo o momento, com soberana liberdade, mas utiliza-os exclusivamente para levar a termo a obra da salvação segundo o desígnio do Pai. Por isso, enquanto aceita a assistência dos anjos no deserto, depois da tentação diabólica (cf. Mt 1,13) e o confronto de um anjo enviado pelo Pai na noite angustiante do Getsêmani (cf. Lc 22,43), abandona-se totalmente indefeso nas mãos dos seus inimigos quando sente aproximar-se a hora do seu supremo sacrifício (cf. Mt 26,53).

Apenas quando a redenção se completar a presença deles será notada, como diz o próprio Cristo evocando a visão de Jacó (cf. Gn 20,10-17): “Em verdade, em verdade, vos digo: vereis *o céu* aberto e os *anjos de Deus subindo e descendo* sobre o Filho do Homem” (Jo 1,51).

O papel dos anjos na obra da redenção é esclarecido nos escritos dos apóstolos, que veem neles um sinal da incessante e atenciosa presença de Jesus entre os seus.

Para os apóstolos perseguidos e encarcerados, os anjos muitas vezes são providenciais libertadores (cf. At 5,12). Um anjo coloca Filipe na estrada “que desce de Jerusalém a Gaza” para fazer com que ele encontre o servo da rainha dos etíopes disposto a acolher o anúncio da salvação e o batismo (cf. At 10,26). Um anjo combina o encontro de Pedro com o centurião Cornélio (cf. At 10,1ss.; 11,1-18). No grave perigo de naufrágio em que se encontra o navio que conduz Paulo prisioneiro a Roma, um anjo leva ao apóstolo uma mensagem tranquilizadora para ele e os seus companheiros de viagem (cf. At 27,23-25). Resumindo: nas dificuldades encontradas para a di-

vulgação do Evangelho, os apóstolos sempre desfrutaram de uma especial assistência.

No Apocalipse, também, surge a notícia segundo a qual, além do bispo, também um anjo seria responsável pela Igreja e teria a tarefa de protegê-la e promover a sua unidade e a paz (cf. Ap 2,1.8.12.18; 3,1.7.14).

De sua parte, a Igreja não só se associa aos anjos no canto da liturgia, mas também os invoca e os faz objeto de veneração; além disso, com terno sentimento maternal, confia ao cuidado deles todos os seus filhos, ao fim de cada dia, na hora das Completas e, sobretudo, no fim da vida.

Gostaria, então, de relatar aqui uma sugestiva recordação de um sacerdote e escritor do século passado.

“Contava-me, um santo padre (ainda existem alguns) que justamente no dia dos Santos Anjos da Guarda, celebrando na sua igreja de San Giovanni al Fonte, com a assistência dos fiéis, aconteceu de sentir ao longo de toda a missa um suave rufar de asas, que não sabia de onde vinha. Pensou tratar-se, como seria natural, de uma revoada de anjos (o seu e os dos presentes), que rezavam a missa com ele. Nunca ouvi uma narrativa mais maravilhosa do que essa, nem que me tenha comovido tanto, se não

fosse certa vez, quando, ocupado com os afazeres noturnos de uma velha abadia de monges sérios, ouvi cantar a Hora das Completas; o prior cantou a oração final que é um hino aos anjos: 'Visita, ó Senhor, esta tua casa, e afasta as armadilhas dos maus espíritos; os teus anjos a habitem e cuidem da sua paz'. Naquele momento, sob o som do último sino, tive a impressão de ver muitos anjos que, descendo do alto, se reuniam às famílias na última bênção do dia. E retornando à minha cela nua, fechando a porta e aproximando-se a escuridão, tremia de alegria por saber, quase mais do que se visse, que eu havia trazido comigo um anjo todinho para mim" (Cesare Angelini, in: VV.AA., *Retorno degli angeli*. Vicenza: La locusta, 1988, p. 45).

Os anjos, sentinelas vigilantes destinadas pelo Criador para monitorar toda a criação visível, não concluirão a sua missão até que toda a criação – humanidade e cosmo – não termine o seu trabalho de renovação (cf. Rm 8,19-23; 1Pd 3,2) e não se reúna, em Cristo, a Deus (cf. Ef 1,10; Cl 1,20; 1Cor 15,24-28).

E quando o plano da salvação for finalmente concluído, também os anjos conquistarão o prêmio do seu serviço. A alegria de Cristo no encontro de-

finitivo com a Igreja, esposa toda purificada e toda santa, será também a alegria dos anjos, alegria longamente esperada por eles, fervorosamente preparada e em alguma medida antevista na conversão dos pecadores.

Então, recapitulada em Cristo e oferecida ao Pai, toda a criação – visível e invisível – será uma perfeita liturgia, uma perene rendição de graças a Deus pela infinita sabedoria e amorosa providência com a qual terá conduzido ao fim, ao destino de beatitude, todas as criaturas, dispondo-as de maneira que uma fosse para a outra mensageira de seu amor, instrumento do seu poder, sinal de sua paterna e vigilante presença.

E, desta universal e perene liturgia, os anjos continuarão a ser os ministros. O cântico unânime dos salvos será inserido na nota do canto que eles, das árvores da criação, não deixam de alçar para a “glória daquele que tudo move”.





As surpresas de Deus

(Lucas 1,28-26; Mateus 1,18-25)

*T*rês vezes ao dia, o badalar dos sinos nos fazem ouvir o eco do momento em que o Anjo Gabriel fez o anúncio a Maria... E o coração sempre se recolhe em silenciosa oração, cheio de admiração, como se nunca antes aquele anúncio tivesse sido ouvido; toda vez é como se fosse feito justamente para nós. E na realidade é assim. *De geração em geração* – canta Maria repleta do Espírito Santo – a misericórdia de Deus se derrama sobre aqueles que o temem (cf. Lc 1,50).



O anjo Gabriel foi enviado por Deus... Esse início, que logo nos faz mover o olhar do coração ao céu, recorda, a quem tem familiaridade com a liturgia, a belíssima antífona gregoriana para o *Benedictus* de 20 de dezembro, já em proximidade do santo Natal. O anjo Gabriel é enviado por Deus... O Senhor envia e o anjo prontamente obedece; ele desce à terra levando consigo uma mensagem a transmitir. Esse “envio” – que foi único e excepcional para a Virgem Maria – se renova continuamente por parte de Deus para a Igreja e para cada um de nós. Há sempre um novo evento na nossa vida e na história, porque a nossa existência está envolvida pela graça do Senhor. Somos sempre objeto da divina misericórdia e sempre, portanto, chamados pelo nome, interpelados por uma missão. No amanhecer de cada novo dia, no fim da jornada, ao anoitecer vem a nós o anjo Gabriel. O seu nome significa “força de Deus”, como se para nos fazer entender que, com o anúncio da missão, traz como dom também a força para cumpri-la.

Antes de revelar a mensagem secreta do anjo, o Evangelho registra, com precisão, também o lu-



gar do evento e os nomes das pessoas envolvidas. O anjo Gabriel foi enviado “a uma cidade da *Galileia*, chamada *Nazaré*”. Dizer Galileia significa dizer uma região prevalentemente comercial, em que vários povos transitam, terra habitada por pagãos... Naque-la região, portanto, Nazaré é uma aldeia à parte, sem renome, o que é atestado também pelo que reporta o evangelista João: “De Nazaré pode sair algo de bom?” (Jo 1,46). Do alto do céu o anjo Gabriel desce. Surpreendente mistério da escolha de Deus, que nos encoraja e ao mesmo tempo nos sacode: nada e ninguém é desprezível para Deus, ele espera de todos uma generosa colaboração a seu projeto de salvação. Galileia e Nazaré são também o meu coração, essa região interior de frequente comércio, onde se elevam ídolos a tantas divindades pagãs, onde se encontram e desencontram as mais nobres aspirações com as mais ignóbeis paixões, mas onde, nas profundezas mais escondidas, é também sempre viva a espera de um anúncio de salvação, para começar e recomeçar um caminho de verdadeira santidade.